

## Reseña de Publicaciones

Torres Feijó, Elias J. (2019).

*Bem-estar comunitário e visitantes através do Caminho em Santiago. Grandes narrativas, ideias e práticas culturais na cidade.* Santiago de Compostela: Andavira.

ISBN: 978-84-7822-866-9

**Raphael Marinho\* Pedro Azevedo\*\* Xerardo Pereiro\*\*\***

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Portugal)

Este livro é da autoria do Prof. Dr. Elias Torres, coordenador do grupo GALABRA, e recebeu em junho de 2020 o prémio da Cátedra dos Caminhos de Santiago e das Peregrinações da Universidade de Santiago de Compostela. O texto, apresenta uma extensão de 262 páginas e um conteúdo dividido em três partes:

- 1) Estudo da relação entre a comunidade local de Santiago de Compostela e os visitantes;
- 2) As macronarrativas e a difusão de ideias sobre Santiago de Compostela em diversos produtos culturais;
- 3) Narrativas, efeitos e homologias nas práticas culturais.

A obra parte de uma ideia força que assenta nas identidades de Santiago de Compostela e da Galiza que foram transformadas pelo Caminho de Santiago (um fenómeno que remonta às décadas de 80 e 90 do século XX), e de um alerta da forma como o turismo pode destruir os habitats tradicionais, diminuir a coesão social e criar mais divisão social e mais crises. Este alerta tem sido muito investigado pelos antropólogos do turismo em muitos contextos nos quais o turismo não é nem planificado com responsabilidade, nem controlado para a sua sustentabilidade. E nesta primeira parte o autor foca-se na ideia de comunidade, sobre a qual



\* Doutorando em Desenvolvimento, Sociedades e Territórios, (Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento, CETRAD; Departamento de Economia, Sociologia e Gestão, DESG; Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, UTAD). Portugal, Email: dr.rafaelmarinho@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-2996-7018>

\*\* Bolseiro de investigação FCT -Fundação para a Ciência e Tecnologia na área de Antropologia (Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento, CETRAD); Departamento de Economia, Sociologia e Gestão, DESG; Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) Universidade de Vigo, Campus de Ourense, Espanha; Email: pedrodosrc@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0001-9077-9406>

\*\*\* Professor Associado com Agregação\* da UTAD. (CRIA – Centro em Rede de Investigação em Antropologia; Departamento de Economia, Sociologia e Gestão, DESG; Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, UTAD) Portugal, Email: xeradopereiro@utad.pt; <https://orcid.org/0000-0002-6298-5701>

**Cite:** Marinho, R.; Azevedo, P & Pereiro Perez, X. (2023) Bem-estar comunitario e visitantes através do Caminho em Santiago. Grandes narrativas, ideias e praticas culturais na cidade. Torres Feijo, Elias J., 2019. Santiago de Compostela: Andavira.

PASOS. *Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 21(2), 425-427. <https://doi.org/10.25145/j.pasos.2023.21.029>

afirma que não é monolítica nem única do ponto de vista identitário. A sua mirada teórica da comunidade é simbólico-construcionista, sendo esta constituída como um grupo de pessoas com interesses, narrativas e práticas diferentes. A comunidade dispõe de mecanismos sociais de diferenciação interna e externa e de limites que podem produzir uma certa suficiência e soberania comunitária, em palavras do autor, algo bem difícil hoje em tempos de intensa globalização, fluxos e mobilidades, sendo composta por diversos subgrupos que de modo dinâmico se inter-relacionam e representam os diferentes focos de poder. A comunidade dispõe de relações sociais e hierarquias que podem derivar em conflitos e desafeições, provocando assim mudanças. As mudanças podem ser desenvolvidas com ou sem tensões, ameaças e exclusões.

Neste sentido, este capítulo debruça-se sob o tema-base da obra cujo estudo centra-se nas relações estabelecidas entre a comunidade local e os visitantes, nomeadamente turistas. Deste modo, o turismo pode ser uma ameaça, um reforço da coesão comunitária ou uma oportunidade para gerar sustentabilidade da comunidade, um problema de reprodução social. O turismo pode igualmente ser visto assim como um cavalo de Troia que motiva uma identidade bipolar, com dois polos, um orientado para o interior da comunidade e outro para o exterior (os visitantes), e a consequência deste processo é a transformação espacial e comunitária num espetáculo e parque temático. Neste sentido, a autor ressalta, contudo, a necessidade de se transformar o visitante em um aliado, de forma a contribuir para o aumento da coesão territorial e consequentemente para o fortalecimento da identidade local, pois a perda da coesão identitária pode levar ao desaparecimento da sustentabilidade da própria identidade, modificando e gerando e aceitação e assimilação de um novo conjunto identitário.

Portanto, esta transformação somente possível com a participação coordenada e efetiva dos diversos atores sociais que são impactados com o turismo, nomeadamente através da obtenção de consensos entre a interação local-visitante. Apesar desta parte abordar o conceito de comunidade, notamos em falta duas coisas, por um lado uma análise e discussão das diferentes aproximações teóricas ao conceito de comunidade desde as ciências sociais (ex. estrutural-funcionalista, simbólico-cognitiva, construcionista, ecológico, histórico-materialista, etc.), e por outro lado notamos em falta um retrato da estrutura social da comunidade de Santiago de Compostela, pois desta forma o leitor seria mais capaz de contextualizar os “textos culturais” que vão ser analisados com detalhe na segunda parte.

A segunda parte debate as principais narrativas e discursos sobre Santiago de Compostela (os da Igreja Católica, os da UNESCO, União Europeia (UE), os da Junta de Galiza e os da literatura de obras como as de Paulo Coelho). Estas narrativas que registam várias dimensões e que incorporam várias elocuições, estes discursos encerram implicitamente estratégias de ação social para os Caminhos e para a cidade de Santiago de Compostela. Importante aqui é a reflexão inicial que o autor faz, criticamente, sobre a vocação militante dos investigadores do Caminho, em relação com os grupos de ativistas e de associações de amigos do Caminho. Esta conexão entre conhecimento científico e militância demonstra que não é exclusivo deste terreno, mas sim constituir um traço que envolve a incontável literatura sobre os caminhos de Santiago.

Como afirmamos, esta segunda parte analisa os discursos e narrativas, mas como se fossem metanarrativas. Começa por analisar os discursos do Papa João Paulo II e do Rei de Espanha Juan Carlos I, durante a sua visita a Santiago de Compostela no ano santo de 1982, que segundo o autor do livro inauguram uma disputa simbólica sobre a definição de Europa e a peregrinação a Santiago como articuladora da identidade europeia, numa espécie de processo de nova cristianização de Europa. Desde um questionamento crítico do autor face a esse discurso dominante, aponta este que o Caminho de Santiago integra vertentes religiosas, espirituais, de bem-estar, desportiva (ex. GR), cultural, social e patrimonial. A continuação, e nesta segunda parte, o autor analisa produtos culturais de grande difusão que elaboraram linhas ideológicas muito espalhadas e dominantes (Torres Feijó, 2011), como por exemplo a obra de Paulo Coelho intitulada “Diário de um mago”, séries de TV como “Demonology – Criminal Minds”, os livros de Hape Kerkeling e de Shirley McLaine sobre o Caminho. Uma crítica geral que Elias Torres faz a esses relatos espiritualistas, iniciáticos e esotéricos, é o de negligenciar aspetos relevantes da cultura das comunidades por onde discorre o Caminho de Santiago, para além da sua estereotipização dos locais por onde passam, o seu esquematismo tópico e típico. Exemplo desta situação centra-se na sistematização de 7 parâmetros estabelecidos para a análise da obra de Paulo Coelho: “questão linguística ou tratamento da língua”; “memórias, genealogia e origens”; “História”; “tradição, lendas e crenças”; “espaço e paisagem”; “hábitos, costumes e alimentação” e “motivações e expectativas de viagem”. A obra cobre de forma reduzida em cada um destes parâmetros sonegando uma potencial caracterização da região da Galiza. Como exceção a esse discurso recorrente é a obra de ficção da autoria de John Rutherford “As frechas de Ouro”, um historiador britânico com grande conhecimento da cultura galega e espanhola.

Elias Torres fala aqui de literaturização da rota do Caminho de Santiago e critica a turistificação e banalização desta, a invisibilidade da cultura galega nesses produtos culturais. E em paralelo coexistem segundo o autor com outra narrativa iniciada nos anos 1990 com o Xacobeo 1993, liderado pela Junta da

Galiza e pela Câmara Municipal de Santiago de Compostela, que é alinhada à volta de Santiago como meta do Caminho. Todos estes aspetos encaminham para a formação de uma nova narrativa sobre Santiago.

A terceira parte do livro frisa as narrativas e os seus efeitos nas práticas culturais, isto é, como os discursos moldam as práticas da peregrinação (ex. nos peregrinos brasileiros) e a sua escassa atenção às comunidades. O aparato empírico desta parte do livro está sustentado em entrevistas a visitantes, observações *in situ* e diálogos informais com os habitantes de Santiago de Compostela, mas é reduzida a expressão que o autor dedica a visibilizar esses elementos de perceção qualitativa e refugia-se em números, indicadores e estatísticas, tais como a evolução anual do número de peregrinos, indicadores ligados à literatura lida e filmes assistidos, taxas populacionais, entre outros. Desta forma, conhecemos em menor número as diversas interpretações “emic”, as suas lógicas e sentidos face à relação com o turismo e a peregrinação.

Outro aspeto abordado e que importa destacar prende-se com o papel do espaço público, inclusive a questão do centro histórico, que em muitos casos trespassa o núcleo “velho”. Neste domínio, o espaço público significa o núcleo original da cidade, o espaço por onde têm passagem os vários itinerários do Caminho, e ao mesmo tempo representa por um lado o local identitário das comunidades e, por outro lado, onde convergem os visitantes. Perante esta perspetiva, o autor veicula que o turismo pode constituir um aliado ou uma ameaça quer para o espaço público quer para a comunidade local.

Por outro lado, as conclusões sobre os efeitos dos discursos não são muito positivas:

- a) Santiago de Compostela converteu-se num parque temático;
- b) O centro histórico de Santiago apresenta uma população bastante envelhecida e com pouco poder;
- c) Os interesses particulares de alguns comerciantes têm muito peso na cidade;
- d) Há reduzidas condições de acessibilidade e habitabilidade na cidade;
- e) Há falta de garagens e de elevadores no centro histórico;
- f) Há uma falta de diversidade comercial e uma saturação de visitantes em diversas áreas da cidade;
- g) Colonização do espaço e das atividades quotidianas pelo turismo.

Estas conclusões enquadram-se numa longa linha teórica da antropologia do turismo que entende este como uma nova forma de colonialismo e na “plataforma de alerta” face ao turismo que promove o prestigioso Jafar Jafari.

Em jeito de sumário, um livro muito importante para visibilizar os efeitos do turismo e o papel de mecanismos de mediação cultural como a literatura. Um livro que, estando ou não de acordo com a sua perspetiva e mirada teórica, vai mais além da visão moralista do turismo segundo a qual todo turismo tem efeitos só positivos nos destinos e nos visitantes. E por outro lado também haveria que olhar o turismo de uma forma poliédrica e como o turismo não é sempre negativo para os destinos e visitantes e não tem a mesma valoração e perceção social para diferentes agentes sociais. Nem todos os produtos culturais são rececionados da mesma forma e de forma mecânica pelos agentes sociais, que cada vez mais estão empoderados, dinamizam a procura da coesão social e de identidade local, e iniciam ações de resistência e de contestação através de movimentos sociais que convém analisar e visibilizar. Portanto, para além de recomendar vivamente a leitura e debate social desta publicação, devemos concluir desde uma visão relativista do turismo, com um “depende”, pois nem tudo é cor de rosa no turismo, nem ele é o único motor de mudanças.

## Bibliografia

Torres Feijó, Elias J. 2011. “Discursos contemporâneos e práticas culturais dominantes sobre Santiago e o Caminho: a invisibilidade da cultura como hipótese”. In António Apolinário Lourenço e Osvaldo Manuel Silvestre (Coords.). *Literatura, espaço, cartografias* (pp. 391-449). Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa / Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

*Recibido:* 18/03/2022

*Reenviado:* 05/04/2022

*Aceptado:* 18/05/2022

*Sometido a evaluación por pares anónimos*